



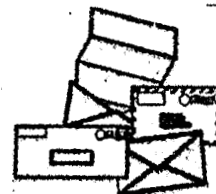
O DESBRAVADOR

ÓRGÃO DO GRÊMIO CULTURAL "SANTA MARIA"



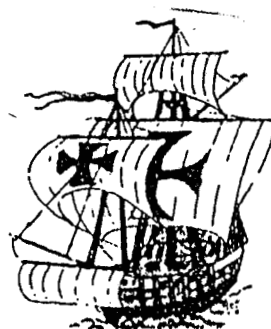
“Ó homem, olha para Maria, invoca a Maria. Nos perigos de pecar, em atrozes tentações, em tuas indecisões, recorda-te que em Maria possuis uma poderosa protetora e apressa-te em recorrer a Ela. Seu nome poderoso esteja sempre em teu coração pela confiança nEla; esteja sempre em teus lábios pela constante invocação dEla. Se seguires a Maria não te desviarás do caminho da salvação; se te recomendes a Ela, não precisas temer; se Ela te segurar, não cairás; se Ela te proteger, nada tens a temer; se te defender, sem dúvida alguma chegarás ao reino da bem-aventurança”. (São Bernardo)

Escrevem os Leitores



Venho por meio desta comunicar que deposei R\$......, em nome do Grêmio Cultural Santa Maria. Aqui vai o comprovante.

OSVALDO ANTONIETTI
SANTO ANDRÉ - SP



Levo ao conhecimento de V.SRA. a indicação de meu novo endereço:....., onde aguardo prazerosamente a remessa de "O Desbravador".

IRMÃO RENATO DAVINI
SÃO LOURENÇO - MG

Em atenção à sua carta, subscrevo-vos com o envio da minha pequena colaboração e, se depender de mim, tudo farei pela divulgação desta revista e podem contar, desde já, com as minhas orações.

ELIANE L. DA SILVA
JACAREÍ - SP

ERRAMOS

Junto a nossa edição anterior, enviamos uma carta pedindo colaboração dos leitores. Colocamos ali duas maneiras de envio de ajuda, via bancos e via postal. Pois bem, nós deveríamos colocar o endereço **Caixa Postal 1525, 01059-970 São Paulo, SP** que é o certo, mas saiu erradamente **Caixa Postal 1525-970**. Serve esta para corrigir o erro e agradecer as colaborações.

O DESBRAVADOR

PUBLICAÇÃO PERIÓDICA BIMESTRAL DO GRÊMIO "SANTA MARIA"

DIRETOR
MESSIAS DE MATTOS

ASSISTENTE DE DIREÇÃO
PE. JOSÉ HENRIQUE DO CARMO
MOACIR ANDRADE DE PAULA

SUPERVISÃO
HERIBALDO CARDOSO DE BARROS
GERALDO JOSÉ DE MATOS
JANILSON ALVES DIAS

REDAÇÃO
PE. SÁVIO FERNANDES BEZERRA
REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS
RONILSON VERÍSSIMO
NILTON RODRIGUES DOS SANTOS
LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA
FRANCISCO DE ASSIS SILVA

SECRETARIA
PATRICIA MIDÕES DE MATOS
MARIA DO CARMO MAZZI RUFINO
SHEFFERSON SANDER FERREIRA
MARIA PAULA BRANCO DE MATOS

EXPEDIÇÃO
JORGE HENRIQUE S. RIBEIRO
FRANCISCO JOSÉ BRANCO DE MATOS
GERSON FERNANDES DOS SANTOS
ROGÉRIO VERÍSSIMO
MANOEL RAIMUNDO S. MOURA

COMPOSIÇÃO
ESTÚDIO "TRA ANGÉLICO"



CORRESPONDÊNCIA
CAIXA POSTAL - 1525
01059 - 970 SÃO PAULO SP

Editorial

Um dos maiores tesouros da Santa Igreja Católica são os santos. São eles os maiores exemplos vivos de seguimento radical a Nosso Senhor Jesus Cristo, são eles que viveram decisivamente o Evangelho de Nosso Senhor.

Nesse número apresentamos a vida de São Sérvulo, um aleijado, doente, paralítico que conformando-se com a Vontade Divina foi um exemplo de virtude para todos os que o viam e, após sua morte, recebeu elogios até do papa, o grande São Gregório I. Até hoje sua vida nos enleva e serve para nos animar à santidade.

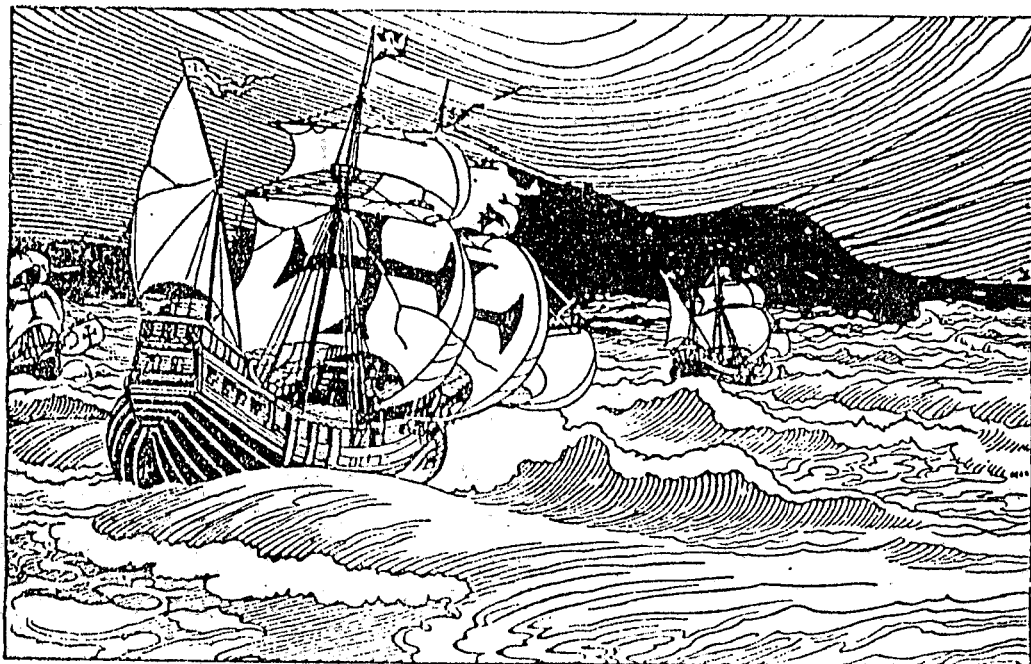
Sim, devemos ser santos. Muitos pensam que ser santo é para seres que não são de carne e osso, quase que criaturas não humanas. Isso não é verdade. Os santos foram humanos como nós, sujeitos às mesmas vicissitudes.

Para eles não faltou a Graça Divina. Para nós, se nos encaminharmos nos caminhos de Deus, ela não faltará também.

Alguns santos foram grandes pecadores, se converteram e foram luminares para o mundo.

É verdade que a santificação de uma alma às vezes demora anos, mas é preciso começar, é preciso que nos convertamos, que rezemos, que frequentemos os Sacramentos, é preciso, enfim, que tenhamos a proteção maternal de Nossa Senhora.

Ela, que é a Rainha dos santos, quer nos fazer santos. Coloquemo-nos debaixo de seu manto protetor e nos tornemos as almas como Ela quer e ajudemos a santificar o mundo.



MARAVILHOSO MILAGRE

A devoção a Nossa Senhora do Pilar, na Espanha, assim como a Nossa Senhora Aparecida, no Brasil, é muito popular naquela nação européia. Encontra-se seu santuário na cidade de Zaragoza, ao nordeste do país. As orações fervorosas de um jovem à Mãe de Deus, através dessa invocação, explicam um milagre dos mais impressionantes, cujo histórico segue resumidamente.

Miguel Juan Pellicer, com 23 anos, vivia na cidade de Castelón de la Plana na casa de um tio, auxiliando-o nos trabalhos do campo. A 3 de agosto de 1637, quando conduzia uma carroça carregada de trigo, desequilibrou-se e caiu sob as rodas do veículo, vindo uma delas a destroçar-lhe a perna direita, na altura do joelho. Levado ao hospital, os cirurgiões não viram outra saída senão amputar-lhe parte da perna, dado que os sinais de gangrena eram evidentes.

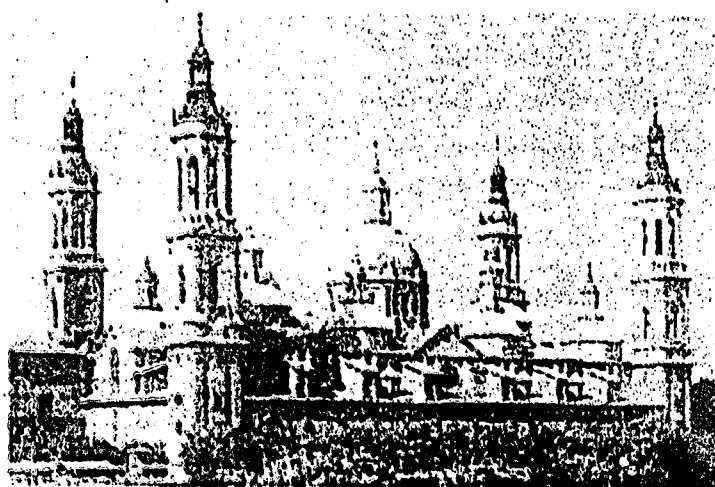


Saindo do hospital, o pobre mutilado alternava alguns trabalhos fáceis com uma assídua frequência ao templo do Pilar, onde pedia esmola e se encomendava com fervor a Nossa Senhora, ungindo o toco de perna com azeite das lamparinas que ardiam em honra da Virgem.

Em 1640, Miguel Juan resolveu voltar para a casa dos pais, em Calanda, ajudando-os em seus trabalhos, para não agravar ainda mais o estado de pobreza em que viviam. Foi aí que, no dia 29 de março, o jovem, depois de um dia exaustivo de trabalho devido a seu estado, com dificuldade arrastou-se até seu aposento para dormir, cobrindo-se com a capa do pai.

Por volta das 11 horas da noite, sua mãe entrou no quarto e percebeu ali uma pessoa que, por ter o cobertor curto, deixava aparecer os pés. Correu a chamar o marido, pois temia que um estranho estivesse ali. Pasmados e atônitos reconheceram o filho que agora tinha a perna reconstituída e provocaram grande alvoroço. Acordando-o, e sem se dar conta do milagre, o jovem assim se dirige ao pai: "Que Deus vos perdoe, pai, pois me privastes de um sonho em que me via na capela de Nossa Senhora do Pilar untando-me com o azeite das lâmpadas, e a Virgem Nossa Senhora me dizia: Eu te curarei e te darei a tua perna". Ao que o pai respondeu: "Meu filho, Ela já te deu", e todos passaram a dar glórias à Mãe de Deus pelo grande prodígio.

Dentre os muitos documentos que atestam a veracidade do milagre, encontra-se a sentença de 27 de abril de 1641, no final de um processo conduzido pelo Arcebispo D. Pedro Apaolaza, de Zaragoza, assessorado por 9 eminentes teólogos e juristas: "Pronunciamos e declaramos que a M.J. Pellicer foi reconstituída milagrosamente a perna direita que anteriormente havia sido amputada". Durante o processo foram ouvidas 25 testemunhas, entre as quais 5 cirurgiões.



Basilica de Nossa Senhora do Pilar em Saragossa

SÃO SÉRVULO



Nos tempos do Papa São Gregório I vivia em Roma um mendigo, chamado Sérvulo, de cujas virtudes e santidade aquele grande Papa e Doutor da Igreja dá o seguinte testemunho: "Sérvulo era um mendigo, que todos os dias se fazia transportar para o adro da igreja de São Clemente, onde implorava a esmola dos transeuntes.



Desde o berço tinha o corpo tão mal tratado pelo reumatismo, que até à morte lhe era impossível andar, manter-se em pé ou sentar-se, de modo que a única acomodação era ficar deitado e ainda assim não podia mover-se de um lado para o outro. O reumatismo não lhe permitia levar a mão à boca. A mãe e um irmão tratavam dele, como de uma criança de poucos meses. A extrema pobreza em que viviam,

obrigava-os a recorrer à caridade dos outros. Apesar do estado miserabilíssimo em que se achava, Sérvulo nunca proferiu uma palavra de queixa ou de desânimo ou de desespero contra a doença e as dores que lhe causava; muito menos levantava a voz contra Deus e suas santas determinações; pelo contrário: era admirável observar-lhe a conformidade com a de Deus, e como se animava com citações da Sagrada Escritura, louvando em tudo e sempre a Deus Nosso Senhor.



A ocupação predileta de Sérvulo era a oração e a recitação dos salmos, bem como a audição de uma leitura espiritual. Quando recrudesciam as dores, louvava e agradecia a Deus, mostrando sempre a maior paciência. De outros pobres tinha grande compaixão. A mãe e o irmão repartiam entre estes o que lhes sobrava das esmolas recebidas. Na pobre casa em que residia, recebia sacerdotes pobres, que vinham a Roma sem poder encontrar outra hospedagem. Da presença dos ministros de Deus tirava o maior proveito para a alma. Pedia-lhes que lhe lessem livros espirituais. Se bem que não soubesse ler, sabia de cor toda a Bíblia.

Das esmolas que lhe davam pôde adquirir uma Bíblia e outros livros religiosos, de que os hóspedes lhe deviam ler. Não havendo às vezes quem lhe fizesse esta caridade, pedia a um pobre que, a troco de uma esmola, lhe fizesse leitura durante uma ou mais horas, em casa ou no lugar onde arrecadava esmolas. Desta maneira adquiriu um vasto conhecimento da ciência dos Santos e conservou-se a si próprio no constante exercício de uma penitência imperturbável e heróica até o fim da vida.

Durante muitos anos Deus apresentou ao mundo cristão um modelo exemplar e admirável de paciência na pessoa do seu devoto Sêrvulo, até o dia em que o chamou para receber a recompensa eterna. O mal que o crucificava, atacou também os órgãos interiores, causando-lhe dores horríveis, que terminaram com a morte. Sêrvulo não se iludia sobre seu estado e, embora a vida lhe fosse uma preparação contínua para a morte, sentindo-a aproximar-se, redobrou de zelo para ter uma morte santa.



Fez tudo que um bom cristão em semelhantes circunstâncias deve fazer, e numa noite chamou à cabeceira todos os sacerdotes que se achavam em sua casa e convidou-os com muito empenho a cantarem alguns salmos, pois a morte estava perto. Os sacerdotes satisfizeram-lhe o desejo e cantaram uns salmos, no que eram secundados pelo moribundo, cuja voz estava quase apagada. De repente parou e clamou em alta voz: "silêncio, silêncio! Não estais ouvindo os Anjos cantarem? Não ouvis como louvam e bendizem a Deus, seu Senhor?"



Levantando o rosto transfigurado para o céu, como se visse o cortejo dos Anjos e lhes ouvisse os cânticos maviosos, exalou o espírito. No mesmo instante do cadáver do santo se desprende um perfume deliciosíssimo, que causou a admiração de todos que estavam presentes. Era convicção de todos, que a alma do Santo voara para o céu, acompanhada dos Anjos, pois era a recompensa bem merecida da pureza e

santidade de sua vida, como da paciência e conformidade com que levara a cruz da moléstia." É desta maneira que externa o grande Papa São Gregório I. A morte do Santo ocorreu provavelmente no ano de 590.

São Sêrvulo não teve a perfeição física, no entanto conseguiu atingir a perfeição moral e espiritual. Tornou-se santo.

E nós que temos o físico sem defeitos, buscamos a santidade, como São Sêrvulo buscou?

No dia do Juízo Final, Nosso Senhor poderá nos cobrar, comparando-nos com o santo. Poderá dizer que o pouco que foi dado a ele foi multiplicado e enriquecido, enquanto nós que recebemos os braços, olhos e saúde perfeitos, o que fizemos de tais dons?



O PARAÍSO

São João Bosco



Se muito nos apavora o pensamento e a consideração do inferno, igualmente nos consola a lembrança do Paraíso, preparado por Deus para todos os que O amam e O servem durante esta vida. Para que possas fazer dele uma idéia, contempla uma noite serena. Como é belo ver o Céu com aquela multidão e variedade de estrelas! Uma menores, outras maiores: enquanto umas despontam no horizonte, outras estão prestes a desaparecer; todas, porém com boa ordem e segundo a vontade do seu Criador.

Acrescenta a isto a visão de um belo dia, mas de tal forma que o esplendor do sol não ofusque a claridade das estrelas e da lua. Supõe, além disto, à mão tudo o que de belo se pode encontrar no mar, na terra, nos povoados, nas cidades, nos paços dos reis e dos monarcas do mundo inteiro; junta a isto as bebidas mais delicadas, os alimentos mais saborosos, a música mais doce, a harmonia mais suave. Pois bem, tudo isto junto não é nada em comparação da

excelência dos bens, dos gozos do Paraíso. Oh! Como bem merece ser desejado e ardentemente amado aquele lugar onde se goza de todos os bens! O bem-aventurado não poderá deixar de exclamar: estou saciado da glória do Senhor (Satiabor cum apparuerit glória tua).

Considera, além disso, o gozo que inundará a tua alma ao entrares no Paraíso. O encontro, o acolhimento dos parentes e dos amigos; a nobreza, a beleza dos Querubins, dos Serafins, de todos os Anjos e de todos os Santos, que aos milhões e milhões louvam o Criador; o coro dos Apóstolos, a multidão dos Mártires, dos Confessores, das Virgens. Há também um exército enorme de jovens que por terem conservado a virtude da pureza, cantam a Deus um hino que ninguém mais pode entoar. Oh! Quanto gozam naquele reino os bem-aventurados! Sempre mergulhados na alegria, sem a menor doença, sem desgostos e preocupações que perturbem a sua paz e o seu gozo!



Considera, além disso, meu filho, que todos os bens até aqui enumerados são um nada em comparação do grande prazer que se experimenta na visão de Deus. Ele alegria os bem-aventurados com o seu olhar amorável e derrama nos seus corações um mar de delícias. Da mesma forma que o sol ilumina e embeleza o mundo inteiro, assim Deus, com a sua presença, ilumina todo o Paraíso e enche os seus afortunados habitantes de gozos inefáveis. Nele hás de ver como em um espelho, todas as coisas, gozarás de todos os prazeres da mente e do coração. São Pedro no Monte Tabor, por ter visto uma só vez o rosto de Jesus radiante de luz, ficou repleto de tanta doçura que

exclamou fora de si: "Senhor bom é para nós que fiquemos aqui" (Bonum est nos hic esse).

E lá teria ficado para sempre. Que prazer não será pois contemplar, não por um instante, mas para sempre, para sempre gozar desse rosto divino que enleva os Anjos e os Santos e que aformoscia todo o Paraíso! E a beleza e amabilidade de Maria, de que prazer deve também encher o coração do bem-aventurado! Oh! Sim! Quanto são amáveis seus tabernáculos, ó Senhor! Quam dilécta tabernacula tua, Domine virtutum! Por isso os coros dos Anjos e dos bem-aventurados cantam a sua glória dizendo: "Santo, santo, santo é o Deus dos exércitos. A ele seja dada honra e glória por todos os séculos".

Coragem pois, meu filho; neste mundo terás que sofrer alguma coisa, mas não importa: o prêmio que hás de receber no Céu compensará infinitamente todos os teus sofrimentos. Que consolação não será a tua, quando te encontrares no Céu na companhia dos parentes, dos amigos, dos Santos, dos bem-aventurados e exclamares: "Estou salvo e estarei sempre com Deus" Semper cum Dòmino érimus.

Então é que hás de abençoar a hora em que abandonaste o pecado, a hora em que fizeste aquela boa Confissão e começaste a freqüentar os Sacramentos, o dia em que deixaste os maus companheiros e te entregaste à virtude. E cheio de gratidão te volverás para o teu Deus e cantará seus louvores e sua glória por todos os séculos. Assim seja.



COLABORE COM O DESBRAVADOR

- ◆ Atravessamos dias difíceis. É sabido que ocorrem dificuldades financeiras em nosso país.
- ◆ Quanto a nós, os gastos cresceram de forma assustadora. Só para dar um exemplo, a tarifa de correio aumentou-nos consideravelmente.
- ◆ Não queremos e não podemos mudar o que nos propusemos desde o nosso primeiro número, qual seja, "O Desbravador" deve ser gratuito e, com auxílio de Nossa Senhora, continuará a sê-lo.
- ◆ Mas, mais uma vez pedimos sua colaboração. Qualquer quantia é preciosa. Basta você ir aos bancos mencionados, em qualquer agência deles, e fazer o depósito nas contas que seguem.

BANCO ITAÚ

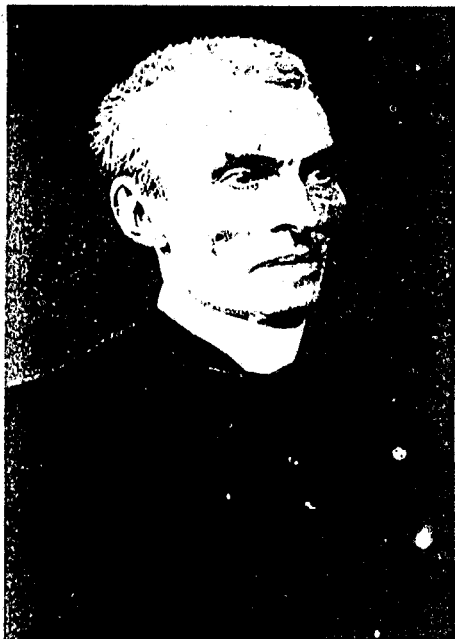
CONTA CORRENTE 00433 - 0 (agência 0003 - Mercúrio) São Paulo - SP

BRADESCO

CONTA CORRENTE 24019 - 2 (agência 278-0 - Gasômetro) São Paulo - SP

**Em nome de GRÊMIO SANTA MARIA
QUE NOSSA SENHORA O RECOMPENSE**

O CÉU É DOS VIOLENTOS



São Pedro Julião
Eymard

“Analisando o primeiro sinal da vida sobrenatural, eu disse que era preciso ser forte contra o pecado, forte contra si mesmo. (...) Toda piedade que não queira empregar a força, que não chegue até à força, é uma piedade falsa.

Há uma força brutal a empregar contra as paixões. Não é a força ponderada; aquele que pondera com seu sedutor já está perdido: tem por ele alguma estima, já que consente em discutir com ele. Esta força brutal é preciso empregá-la contra si e contra o mundo: ela deve ser cruel, intolerante como a própria vida religiosa, que rompe qualquer liame com a carne e o sangue.

Longe de nós a tolerância, nenhuma tolerância com o inimigo. Eu não vim trazer a paz, mas a espada, diz o Salvador; espada de separação que separará o filho de seu pai, a filha de sua mãe, o homem de si mesmo.

Jesus Cristo foi o primeiro a puxar a espada contra os fariseus, os sensuais, os

hipócritas. Ele a lançou no mundo, os cristãos devem apanhá-la; um pedaço basta, pegai-o. E uma espada bem temperada, temperada no Sangue de Jesus Cristo e no fogo do alto.

O reino dos Céus admite violência; só os violentos o arrebatam: “Rapiunt illud”, Jesus Cristo quer para o Céu homens violentos, sem misericórdia, escaladores, capazes de tudo; que se determinam e sustentam por seu Nome uma guerra de morte; que odeiam seu pai, sua mãe, todos os seus próximos. Eu quero dizer o pecado, não as pessoas.

Guerra contra si, contra os sete pecados capitais em si; ou contra as três concupiscências, o que é tudo uma coisa só.



É preciso cortar até ao coração, até à raiz, e nunca está acabado.

Oh! Quão violento é esse combate: e é preciso sempre recomeçar. A vitória da véspera não garante a do dia seguinte. Hoje, vencedor, amanhã, vencido. Basta qualquer descanso para preparar a derrota: só saem vitoriosos dessa guerra aqueles que jamais cessam de lutar.

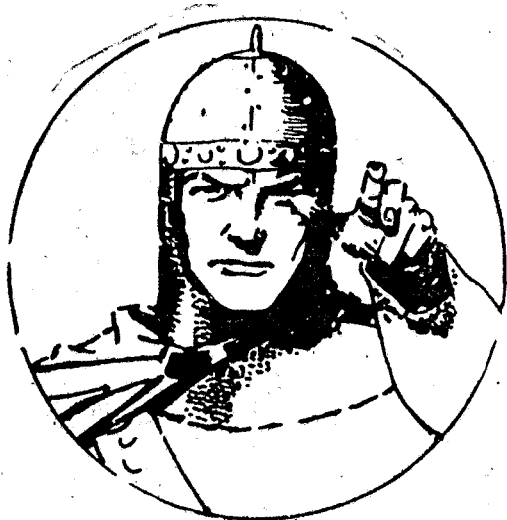
É preciso escalar o Céu, tomá-lo de assalto. Muitos almejam o bem, mas não têm coragem para aceitar a luta. A consequência é que suas vidas transcorrem em permanente contradição com suas palavras: as paixões os dominam.

Vede Herodes, ouvindo com prazer São João, enquanto o Santo lhe fala genericamente do reino de Deus. Mas a partir do momento em que o Precursor passa a atacar sua paixão impura, Herodes

se enfurece, esquece tudo, e vai a ponto de fazer morrer a São João.

Muitas vocações religiosas há no mundo. Mas há um grande lance a ser dado e não se tem coragem: é que esse primeiro lance é mais penoso que o próprio lance que alcança a vitória.

O fundo de nossa natureza é a covardia. Todos os vícios nada mais são que covardia. O orgulho, que parece levar tudo de roldão, é, no fundo, mais covarde do que qualquer outro: escravo preso por correntes, quer parecer livre não as movendo! Ele se orgulha de sua própria escravidão!



Neste mundo, a piedade tem esse combate a travar: ele é tão áspero, as ocasiões de mérito e vitória tão numerosas, que se tiver a coragem de lutar generosamente, sem frouxidão, o mundo se povoará de Santos. Mas, onde a coragem?

Na vida religiosa o combate é contra as paixões. O mundo perverso também penetra aí, e muito mais do que imaginamos. Ele entra pela atmosfera: vossos olhos, vossos sentidos o detectarão. Diz-se que os maus pressentem intuitivamente os outros maus; também os bons pressentem os maus, porém na linha de seu ponto fraco... e rapidamente se estabelece a ligação". (São Pedro Julião Eymard, *La Divine Eucharistie*, Desclee de Brouwer, Paris, 1926, 16ª Ed., pp.293 e 295 Imprimatur: G.Delbroucq, vic. gen., Insulis, 20.02.1926).

E DEPOIS?

Você está cursando o primeiro grau ou o colegial, e depois o que fará?

Você fará a faculdade, e depois, o que você fará?

Você seguirá uma carreira, e depois?

Você subirá na vida, será famoso(a), terá muito dinheiro e muitos amigos, e depois?

Depois o que você fará?

Você será um grande político, por exemplo, ou uma professora de faculdade, e depois?

Você conseguirá realizar todos os seus sonhos, e depois?

Bem, depois, ao final de nossas vidas, morreremos, seremos julgados e teremos uma eternidade pela frente. Eternidade feliz se tivermos seguido e servido a Deus ou eternidade infeliz se O tivermos rejeitado.

LEMBRE-SE: DE QUE VALE AO HOMEM GANHAR O MUNDO, SE VIER A PERDER A SUA ALMA?

Da perseverança na oração

Santo Afonso Maria de Ligório

1. A oração perseverante é necessária para nossa salvação

Nossa oração, conforme acima dissemos, deve ser acompanhada de humildade e confiança. Entretanto, isso não basta para nos alcançar a perseverança até ao fim e, com ela, a bem-aventurança eterna. As orações isoladas nos alcançam graças particulares que pedimos ao Senhor; elas, porém, se não forem continuadas com perseverança, não nos trarão a perseverança final, porque esta abrange uma série contínua de graças e requer, por isso, orações contínuas e repetidas incessantemente até a morte.



A graça da perseverança não é um dom único de Deus, mas uma cadeia de graças, as quais, todas juntas, constituem a graça da perseverança. A essa cadeia de graças deve corresponder, de nossa parte, uma cadeia de orações. Se essa cadeia de orações se rompe por nossa negligência, rompe-se igualmente a cadeia de graças que deveriam conduzir-nos à salvação, e nós nos perdemos.



A perseverança até ao fim e, de fato, uma graça que nós não podemos propriamente merecer, como se exprime o santo Concílio de Trento. "Ela só pode ser concedida por aquele que tem o poder de fortalecer quem está em pé, de tal forma que ele fique em pé até ao fim". Contudo, segundo S. Agostinho, podemos merecê-la em certo sentido por meio da oração, isto é, podemos no-la arranjar por meio da oração. "Esse dom, diz o Santo, pode ser merecido por meio de súplicas, isto é, alcançado pela prece". E Suárez acrescenta que quem reza a alcançará infalivelmente. Mas, como nota S. Tomás, requer-se uma oração

contínua e perseverante para conseguí-la e chegar à bem-aventurança. "Depois do batismo é preciso que o homem reze continuamente para alcançar o céu", diz o Santo.

O divino Salvador mesmo afirmou por diversas vezes: "É preciso orar sempre e não cessar" (Lc 18, 1). "Vigiai, pois, orando em todo o tempo, a fim de que vos façais dignos de evitar todos esses males que têm de suceder e de vos apresentardes diante do Filho do Homem" (Lc 21, 36). No Antigo Testamento: "Nenhuma coisa te embarace de orar sempre" (Ecl 18, 22). "Louvai a Deus sempre e pedi-lhe que se digne dirigir os vossos passos" (Tob 4, 20).



Por essa razão recomendava o Apóstolo tão instantemente aos fiéis que nunca deixassem a oração. Ele escreve, entre outras coisas: "Orai sem interrupção" (1 Tess 5, 17). "Sede perseverantes na oração, velando nela com ações de graças" (Col 4, 2). "Quero que os homens orem em toda a parte" (1 Tim 2, 8). Nosso Senhor certamente quer conceder-nos a perseverança, diz S. Nilo. Muitos pecadores conseguem converter-se com o auxílio da graça e alcançar o perdão de Deus; mas, porque deixam de pedir a graça da perseverança, recaem no pecado e perdem tudo o que tinham.



Para se alcançar a graça da perseverança não basta, segundo S. Belarmino, pedi-la uma ou outra vez; devemos pedi-la continuamente, todos os dias da nossa vida. Quem a pede hoje, recebe-a para o dia de hoje: se amanhã deixar de pedi-la, cairá seguramente amanhã. Isso nos queria o Salvador: dar a entender pela parábola do homem que só depois de muitas e instantes súplicas se deixou levar a conceder a seu amigo os pães que desejava: "Digo-vos que no caso

que ele não se levantar e lhe der por ser seu amigo, não deixará, contudo, de levantar-se por sua importunação e lhe dará quantos pães houver mister" (Lc 11, 8). Se, pois, um tal amigo, só para se livrar da importunação do outro, lhe dá os pães que deseja, quanto mais Nosso Senhor (digo com S. Agostinho) (Sermo 61), que é infinitamente bondoso e deseja ardentemente conceder-nos favores, estará pronto a conceder-nos suas graças, se lhas pedirmos; ele o fará tanto mais que é Ele mesmo quem nos exorta a pedir-lhe, e se desgosta se o deixamos de o fazer.



Deus, pois, tem a séria vontade de nos conceder a bem-aventurança eterna e todas as graças necessárias para esse fim; contudo, ele exige, como diz Cornélio a Lápide (in Lc 11, 8), que nós o supliquemos sem cessar e até com importunação; Deus então não só nos suporta, mas até deseja que o assaltemos com pedidos de graças, principalmente da santa perseverança. S. Gregório diz que Deus quer que se lhe faça violência, por meio de súplicas; uma tal violência não o irrita de nenhuma forma, antes o aplaca. Ouçamos as palavras do Santo: "Deus quer ser invocado, obrigado e, até, vencido por importunação. De fato, uma salutar violência, que não ofende a Deus, mas o aplaca".

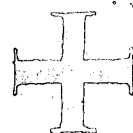


Devemos, pois, pedir incessantemente a Deus que nos conceda a graça da perseverança. Devemos rezar de manhã e à noite, na meditação, na santa missa, na comunhão, em uma palavra, em todo o tempo. Mas, especialmente, na ocasião da tentação. Não devemos então nos cansar de repetir: Senhor, ajudai-me; Senhor, assisti-me; estendei vossa mão sobre mim; não me abandoneis, tende compaixão de mim. Que coisa há mais fácil do que dizer: Senhor, ajudai-me! Senhor, assisti-me! A glosa nota o seguinte à oração do salmista: "Dentro de mim orei ao Deus de minha vida" (Sl 41, 9).

Quando se trata de jejuns ou de esmolas, poderá alguém dizer: isso não posso fazer. Quando, porém, se trata da oração, ninguém poderá apresentar essa desculpa, pois não há coisa mais fácil do que a oração. Por isso nunca a devemos deixar; devemos assaltar incessantemente a Deus, obrigá-lo, por assim dizer, a que nos assista em todo o tempo. Essa violência agrada-lhe, diz Tertuliano; e S. Jerônimo afirma que nossas orações são tanto mais agradáveis a Deus quanto mais perseverantes e insistentes elas forem.



"Feliz o homem que me ouve e vigia todos os dias à entrada de minha casa" (Prov 8, 34). O Senhor louva aquele que lhe presta ouvido e assedia continuamente a porta de sua misericórdia com tantas súplicas. Isaias (Is 30, 18) exclama: "Felizes os que esperam nele", isto é, aqueles que, com uma oração que dura a vida inteira, esperam sua salvação do Senhor. "Pedi e recebereis; buscai e achareis; batei e abri-se-vos-á" (Lc 11, 9); são as palavras com que o Salvador nos excita à oração. Com a palavra "pedi" já não estava tudo dito? Por que então a repetida exortação: "buscai, batei"? Isso não era de nenhuma forma supérfluo. O Salvador queria nos ensinar assim a imitar aqueles pobres que vão esmolar. Estes não deixam de pedir, mesmo quando seus pedidos não são atendidos, mas recomeçam suas súplicas, e se o senhor da casa não se deixa mais ver, batem à porta e tornam-se muito importunos e incômodos. Deus deseja de nós procedimento semelhante; devemos rezar e novamente rezar e não cessar de suplicar que nos assista, corra em nosso auxílio, nos dê luz e força e não nos deixe perder jamais a sua graça.





Clóvis, Rei dos Francos, bárbaro pagão, era casado com a princesa católica, Santa Clotilde. Ao nascer o primeiro filho do casal, Clóvis proibiu sua esposa de o batizar. Ela, entretanto, fez batizar o menino e pouco tempo depois o menino morreu.

Quando nasceu o segundo filho, novamente Clóvis fez a proibição e novamente Clotilde levou seu filho ao batismo. O menino adoeceu e Clóvis ficou furioso. Tendo partido para uma guerra contra os germânicos, prometeu acertar contas com a esposa logo que voltasse.

Ao lutar contra os germânicos, ele estava sendo derrotado e correndo sério risco de vida. Foi aí que, no perigo, bradou: "Deus de Clotilde salvai-me". E, prometeu fazer-se batizar e a seus súditos caso fosse socorrido.

Nesta hora, o Senhor veio em seu auxílio e a sorte da batalha mudou. Clóvis e seus francos foram vitoriosos.

Aí, Clóvis resolveu abraçar a Fé Cristã e o fez com tal ardor que, antes mesmo de receber o batismo, tornou-se o apóstolo de seus súditos. As suas abjurações contra a idolatria, a resposta dos nobres e dos soldados era unânime: "Piedoso rei, abjuramos o culto dos deuses mortais e queremos servir o Deus imortal que Remígio adora".

Conta-se que, ao ouvir a narração da Paixão do Salvador, Clóvis batia com a lança na terra e exclamava cheio de indignação: "Ah! Se eu estivesse lá com os meus francos! Teria vingado as injúrias ao meu Deus".

Procure leitor, compor para si as cenas que D'Alzon narra nas linhas que seguem: a cidadezinha de Reims imersa na noite, a figura de São Remígio, ungida pela oração, que fala sobre temas transcendentais, o enlevo, o recolhimento, o interesse daquele auditório seletivo. Assim poderá beneficiar-se do perfume sobrenatural de outros tempos que não os nossos.

Na noite que precedeu a cerimônia do batismo — era a vigília do Natal do ano 496 — São Remígio passou várias horas em oração diante do altar da Igreja de Santa Maria. Depois foi à residência do rei, querendo aproveitar o silêncio da noite para dar as suas últimas instruções ao monarca. Ele o conduziu ao oratório do palácio, onde a Rainha Clotilde os aguardava na oração. Alguns nobres e vários clérigos estavam ali reunidos. Todos sentaram e o Santo fez um sermão admirável sobre a unidade de Deus, a Trindade de pessoas, a encarnação do Verbo e a obra da Redenção.

Enquanto ele falava, uma luz celeste brilhou subitamente, eclipsando a luz das velas acesas. Um odor agradável espalhou-se no santuário e uma voz do alto fez ouvir estas palavras: "A paz seja convosco; sou eu, não temais, permaneçais no meu amor".

Após essas palavras, a luz sobrenatural desapareceu. O rei e a rainha ajoelharam-se diante do santo prelado. A fisionomia do homem brilhava com um esplendor vivíssimo, e tomado ele mesmo pelo espírito profético, pronunciou estas palavras:



"Vossa posteridade governará nobremente este reino, glorificará a Santa Igreja e herdará o Império dos romanos. Ela não cessará de prosperar enquanto seguir o caminho da verdade e da virtude. Mas a decadência virá pela invasão dos vícios e dos maus costumes. É por aí, com efeito, que se precipitam na ruína os reinos e as nações".

Como é bela essa profecia, feita durante a noite, no silêncio geral da natureza e dos homens, logo após o próprio Cristo ter falado! Estava anunciado que, feito o batismo, começaria uma página nova na História...

A oração de São Remigio – prossegue o biógrafo – junto ao altar de Santa Maria, permaneceu na memória dos franceses e se traduz pelo adágio: "Regnum Galliae regnum Mariae" – O reino da França é o reino de Maria.

No dia seguinte, Clóvis dirigiu-se à Igreja de Nossa Senhora. Em todo o adro se estendiam tapetes e guirlandas, as ruas estavam cobertas de ricos tecidos, o portal da basílica com mil fogos e um perfume precioso aromatizava a atmosfera.

São Remigio conduzia o rei pela mão. Este, impressionado com tanta riqueza, disse: "Pai Santíssimo, já é o reino de Deus que me haveis prometido?" – "Não, respondeu o bispo, é o começo do caminho que a ele conduz".

Clóvis aproximou-se da pia batismal e pediu humildemente o sacramento da regeneração. São Remigio fê-lo confessar sua fé nos Mistérios da religião e depois lhe disse com toda majestade pontifical: "Abaixa a cabeça, adora o que queimaste e queima o que adoraste".



Nesse instante, aconteceu que o clérigo encarregado de trazer os santos óleos ficou separado do cortejo real sem poder alcançá-lo de novo, de tal modo a multidão era compacta. E quando o pontífice quis juntar o óleo à água batismal, não o encontrou.

Remigio, as mãos e os olhos elevados ao céu, pos-se em oração; lágrimas inundavam sua face. De repente, uma pomba mais branca que a neve, aproxima-se dele, trazendo no bico uma pequena ampola cheia de óleo santo. O pontífice abre-a, exalando-se dela um suave perfume e a pomba desapareceu. Clóvis, que estava inclinado diante do pontífice, foi batizado em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo, com suas duas irmãs, três mil soldados de seu exército e uma multidão de outras pessoas. Numerosos sacerdotes auxiliaram o bispo.



O pequeno frasco de óleo miraculoso, trazido a São Remigio por uma pomba, serviu durante longos séculos para a sagração dos reis da França. Chamava-se a Santa Ampola (durante a Revolução Francesa, o deputado Rommé destruiu a Santa Ampola, num ato de ódio sacrílego dirigido contra o Altar e o Trono).

Desde esse dia, Clóvis demonstrou um profundo respeito a São Remigio. Nunca empreendia algo de importante sem pedir o conselho e a benção do Arcebispo de Reims.

Livrou-se de muitos perigos e alcançou brilhantes vitórias pela oração do santo, que atraiam sobre ele a proteção de Deus.

A doutrina de Ario sustentada pelos visigodos no sul da França, procurava penetrar nas províncias do norte. Um concílio teve que reunir-se na cidade de Orleans para combater essa heresia. São Remigio não deixou de estar presente. Quando ele entrou na assembléia, todos os bispos se levantaram, exceto um que era ariano. Sua arrogância foi punida imediatamente, perdendo o uso da palavra. Reconhecendo sua falta, precipitou-se aos pés do santo, suplicando misericórdia. Mas Remigio exigiu a inteira retratação de seus erros. O bispo penitente deu sinal de que concordava e imediatamente começou a falar.

No fim de sua vida São Remigio ficou cego, mas longe de entristecer, alegrava-se com isso, pois considerava uma oportunidade excelente para abraçar com mais amor a Cruz de Jesus Cristo.

Conheceu por revelação o dia de sua morte e algum tempo antes recuperou a vista, para poder rever os amigos, distribuir seus bens aos pobres e celebrar os santos mistérios.

Quando chegou o dia em que devia morrer, embora não estivesse doente, apenas muito gasto, depois de ter se despedido de todos como quem parte para uma viagem, sua bela alma deixou a terra para ocupar no céu o trono da glória que Deus lhe reservou. Viveu 96 anos e foi Arcebispo de Reims durante 74 anos. É o mais longo episcopado da História.

O que pedir a São Remigio?

Além e acima dos problemas pessoais, há uma intenção que não podemos esquecer: a situação aflitiva da Cristandade, atualmente.

Ele que foi o esteio da Igreja e da Cristandade obtenha, pelos rogos de Maria, que Deus, como nos dias dele, volte Seu olhar misericordioso sobre a Terra, intervenha, extirpe o mal, suscitando espíritos jovens e abnegados no sublime ideal de conversão dos povos à devoção ao Imaculado Coração de Maria, ou seja, a uma vida verdadeiramente Cristã, verdadeiramente Católica.



A IGREJA DE CRISTO É A IGREJA CATÓLICA

Quando Jesus Cristo diz: "Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei A MINHA IGREJA, e as portas do inferno não prevalecerão contra ELA" (Mt 16, 18) a que Igreja se refere? Não é ao Protestantismo, nem a nenhuma Igreja protestante em particular, porque as Igrejas protestantes só começaram a existir no século XVI.

Refere-se, sem dúvida alguma, à IGREJA CATÓLICA; é fácil demonstrá-lo.

Logo nos inícios da Igreja, os seguidores de Cristo foram designados com o nome de cristãos. Assim podiam distinguir-se dos filósofos pagãos e dos judeus ou seguidores da sinagoga. Este nome de cristãos como se sabe, já vem na própria Bíblia, e tal denominação começou em Antioquia: "em Antioquia é que foram os discípulos denominados CRISTÃOS, pela primeira vez" (Atos 11,26). "Se padece como CRISTÃO, não se envergonhe; mas glorifique a Deus neste nome" (1º Pedro 4, 16).



Aconteceu, porém, que, tão logo a Igreja começou a propagar-se, começaram a aparecer os hereges, seguindo doutrinas diversas daquela que tinha sido recebida dos Apóstolos, mas tomando o nome de cristãos, pois também criam em Cristo e d'Ele se diziam discípulos. Era preciso, portanto, um novo nome para designar a verdadeira Igreja, distinguindo-a dos hereges. E desde tempos antiquíssimos, desde os tempos dos Apóstolos, a Igreja começou a ser designada como IGREJA CATÓLICA, isto é, UNIVERSAL, ou a Igreja que está espalhada por toda a parte, para diferenciá-la dos hereges, pertencentes a igrejazinhas isoladas que existiam aqui e acolá. Assim é que já Santo Inácio de Antioquia, que foi contemporâneo dos Apóstolos, pois nasceu mais ou menos no ano 35 da era cristã e, segundo Eusébio de Cesaréia no seu *Chronicon*, foi bispo de Antioquia, entre os anos 70 e 107, já Santo Inácio nos fala abertamente da Igreja Católica, na sua Epístola aos Esmirnenses: "Onde comparecer o Bispo, aí esteja a multidão, do mesmo modo que, onde estiver Jesus Cristo,

aí está a IGREJA CATÓLICA" (Epístola aos Esmirnenses c. 8,2).

Outro contemporâneo dos Apóstolos foi São Policarpo, bispo de Esmirna, que nasceu no ano 69 e foi discípulo de São João Evangelista. Quando São Policarpo recebeu a palma do martírio, à Igreja de Esmirna escreveu uma carta que é assim endereçada: "A igreja de Deus que peregrina em Esmirna à Igreja de Deus que peregrina em Filomélio e a todas as paróquias da IGREJA SANTA E CATÓLICA em todo o mundo". Nessa mesma Epístola se fala de uma oração feita por São Policarpo, na qual ele "fez menção de todos quantos em sua vida tiveram trato com ele, pequenos e grandes, ilustres e humildes, e especialmente de toda a IGREJA CATÓLICA, espalhada por toda a terra" (c.8).

O Fragmento Muratoriano que é uma lista, feita no 2º século, dos livros do Cânon do Novo Testamento fala em livros apócrifos que "não podem ser recebidos na IGREJA CATÓLICA".

São Clemente de Alexandria (também do século 2º) responde à objeção dos infiéis que perguntam: "como se pode crer, se há tanta divergência de heresias, e assim a própria verdade nos distrai e fatiga, pois outros estabelecem outros dogmas?" Depois de mostrar vários sinais pelos quais se distingue das heresias a verdadeira Igreja, assim conclui São Clemente: "Não só pela essência, mas também pela opinião, pelo princípio, pela excelência, só há uma Igreja antiga e é a IGREJA CATÓLICA. Das heresias, umas se chamam pelo nome de um homem, como as que são chamadas por Valentino, Marcião e Basilides; outras, pelo lugar donde vieram, como os Peráticos; outras, do povo, como a heresia dos Frigios; outras, de alguma operação, como os Enekratistas; outras, de seus próprios ensinamentos, como os Docetas e Hematistas. (Stromata 1.7.c.15). O mesmo argumento podemos formular hoje. Há uma só Igreja que vem do princípio: É a IGREJA CATÓLICA. As seitas protestantes, umas são chamadas pelos nomes dos homens que as fundaram, ou cujas opiniões seguem, como: Luteranos (de Lutero), Calvinistas (de Calvino), Zuinglianos (de Zuinglio) etc.

Outras, do lugar, donde vieram: Igreja Livre Evangélica Sueca, Irmãos de Plymouth.

Outras, de um povo: Anglicanos (da Inglaterra), Irmãos Moravos (da Morávia);

No século 3º, Firmiliano, bispo de Capadócia, diz assim: "Há uma só esposa de Cristo que é a IGREJA CATÓLICA" (Ep. De Firmiliano nº14).

Na história do martírio de São Plônio (morto em 251) se lê que Pelemon o interroga:

- Como és chamado?
- Cristão.
- De que igreja?
- Católica. (Ruinart. Acta martyrium pág.122 nº9).

São Frutuoso, martirizado no ano 259, diz: É necessário que eu tenha em mente a IGREJA CATÓLICA, difundida desde o Oriente até o Ocidente" (Ruinart. Acta martyrium pág.192 nº3).

Lactâncio, convertido ao Cristianismo no ano 300, diz: "Só a IGREJA CATÓLICA é que conserva o verdadeiro culto. Esta é a fonte da verdade; do qual se alguém sair, está privado da esperança de vida e salvação eterna" (Livro 4º cap.3º).

São Paciano de Barcelona (morto no ano 392) escreve na sua epístola a Simprônio: "Como, depois dos Apóstolos, apareceram as heresias e com nomes diversos procuram cindir e dilacerar em partes aquela que é a rainha, a pomba de Deus, não exigia um sobrenome o povo apostólico, para que se distinguisse a unidade do povo que não se corrompeu pelo erro?... Portanto, entrando por acaso hoje numa cidade populosa e encontrando marcionistas, apolinarianos, catafrígios, novacianos e outros deste gênero, que se chamam cristãos, com que sobrenome eu reconheceria a congregação de meu povo, se não se chamasse CATÓLICA? (Epístola a Simprônio nº3). E mais adiante, na mesma epístola: "Cristão é o meu nome; CATÓLICO, o sobrenome" (idem nº4).

São Cirilo de Jerusalém (do mesmo século 4º) assim instrui os catecúmenos: "Se algum dia peregrinares pelas cidades, não indagues simplesmente onde está a casa do Senhor, porque também as outras seitas de ímpios e as heresias querem coonestar com o nome de casa do Senhor, as suas espeluncas; nem perguntes simplesmente onde está a igreja, mas onde está a IGREJA CATÓLICA; este é o NOME PRÓPRIO desta SANTA MÃE de todos nós, que é também a ESPOSA DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO" (Instrução Catequética c.18; nº26).

Santo Agostinho (do séc. 5º) dizia: "Devo ser seguida por nós aquela religião cristã, a comunhão daquela igreja que é CATÓLICA, e CATÓLICA, é chamada não só pelos seus, mas também por todos os seus inimigos" (Verdadeira religião c.7; nº12).

E quando o Concílio de Constantinopla, no ano de 381, colocou, no seu Símbolo estas palavras: "Cremos na Igreja Una, Santa, CATÓLICA e Apostólica", isto não constituía novidade alguma, pois já desde tempo antiquíssimo, se vinha recitando no Credo ou Símbolo dos Apóstolos: Creio na Santa Igreja CATÓLICA.

Vemos, portanto, na história do Cristianismo, o contraste evidente entre aquela igreja que veio desde o princípio e logo se espalhou por toda a parte (Ide, pois, e ensinai todas as gentes - Mt 28, 19) e que desde o começo foi chamada CATÓLICA, segundo o que acabamos de demonstrar, e as heresias que foram aparecendo no decorrer dos séculos, discordando deste ou daquele ponto, inventadas por um homem qualquer, mas todas levadas de vencida pela Igreja, pois ou desapareceram por completo ou ficaram reduzidas em número de adeptos que logo mergulharam no esquecimento.

Chega esta Igreja ao século XVI. Aparece então Martinho Lutero, pretendendo afirmar que esta Igreja está completamente afogada no erro e é preciso fazer uma reforma doutrinária. Queremos aqui fazer apenas uma pergunta ao "inspirado" e "esclarecido" Lutero: "Como é que Cristo deixou durante tantos séculos a sua Igreja mergulhada completamente no erro, e só no século XVI fez aparecerem os "inspirados" e "esclarecidos" doutrinários da verdade? Onde está a Providência Divina com relação à obra de Deus que é a sua Igreja?"

Se tal desastre se tivesse verificado, então teria falhado completamente a promessa de Cristo: "E as portas do inferno não prevalecerão CONTRA Ela." (Mt 18, 18).

"Nem toda a água do rio Elba daria lágrimas bastante para chorar a desgraça da Reforma" (Melanchton, amigo de Lutero).

